

Fernando Henrique prepara mudança ministerial

O presidente aproveita a sucessão no comando do Congresso para mexer na equipe; ACM perde poder; Bornhausen, ganha

Francisco Câmara e João Domingos*
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso já tem quase pronto o ministério que deverá acompanhá-lo nos dois últimos anos de governo. A disputa pelas presidências da Câmara e do Senado, a radicalização do processo e a atuação do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), que quase rachou a base governista no Congresso, foram fundamentais para a decisão do presidente.

Fernando Henrique deverá tirar Rodolpho Tourinho do Ministério de Minas e Energia. Tourinho foi indicado por Antonio Carlos. Mas o ministério continuará sob o domínio

do PFL. Só que, agora, o novo ministro deverá ser alguém da confiança do presidente nacional do partido, senador Jorge Bornhausen (SC). O mais provável é que a escolha recaia sobre Benedito Carraro, apoiado por Bornhausen, ex-secretário de Minas e Energia do ministério. Por ver nele uma sombra e por detestar sua independência, Tourinho praticamente o escorraçou.

A atuação de Antonio Carlos em todo o processo que antecedeu as eleições na Câmara e no Senado tem sido muito criticada pelo presidente Fernando Henrique. Só para se ter uma idéia, o presidente já disse a mais de uma pessoa que o senador baiano fez mais estragos em sua administração do que toda a oposição, junta, durante anos. Uma entrevista coletiva de Antonio Carlos a correspondentes estrangeiros, por exemplo, provoca mais embaraços no presidente Fernando Henrique do que 10 discursos do líder do PT, Walter Pinheiro (BA), reconhecidamente um radical.

Na intimidade do Palácio do Planalto o que se fala é na necessidade de mudar o jogo de forças do PFL dentro do governo. A ala de Antonio Carlos vai perder; a de Jorge Bornhausen, agora aliado ao vice-presidente Marco Maciel, deverá ganhar. E o PFL não perderá cargo algum. Continuará com quatro ministérios:

de Minas e Energia, do Meio Ambiente, do Esporte e Turismo e da Previdência.

Waldeck Ornelas, ministro da Previdência, também foi indicado por Antonio Carlos. Deverá continuar no posto. Fernando Henrique acha que é competente e é o nome certo para administrar a pasta, tão complicada. Carlos Melles, ministro do Esporte e Turismo, também ficará no cargo. Foi indicado por Bornhausen. O mesmo acontecerá com Sarney Filho, do Meio Ambiente. A recusa do senador José Sarney (PMDB-AP), seu pai, de se envolver na disputa pela presidência do Senado, foi fundamental para a manutenção do filho no ministério.

Desse modo, o presidente da República acredita que terá o PFL ao seu lado, mantendo também o PSDB, o PMDB e o PPB. Todos preservarão seus espaços e o governo seguirá tranqüilo para seu final, que Fernando Henrique quer transformar em uma administração a ser lembrada pelas próximas gerações. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano, entregue ao goiano Ovídeo

de Angelis, apadrinhado do senador Iris Rezende, seria transformada em ministério e ficaria com o partido.

Existe também a possibilidade de que o ministro Pratini de Moraes, da Agricultura, que pertence ao PPB, venha a substituir Alcides Tápias no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Isso, no entanto, vai depender do próprio Tápias. No governo há decepção quanto ao seu desempenho; e Tápias também parece decepcionado, de acordo com informações que chegam ao presidente.



Antonio Carlos Magalhães

Consultado por este jornal, no entanto, o ministro do Desenvolvimento disse que não pretende deixar o posto. "Permanecerei no Ministério até o fim do mandato do presidente, se ele assim quiser", afirmou. Tápias observou, porém, que tem consciência de ocupar um cargo político, estando seu destino, portanto, sujeito às necessidades de conformação da base de apoio do governo. "Mas não tenho motivo para sair", assinalou. "Em dezembro eu até cheguei a ter", disse ele, referindo-se ao desentendimento que teve, na

época, com o secretário da Receita Federal, Everardo Maciel, em torno de medidas de apoio à exportação.

Na área política observa-se que Tápias tem sofrido desgaste desde o confronto com Everardo. E seu desempenho no episódio da guerra da vaca louca, com o Canadá, tem sido considerado abaixo do esperado. Tanto é que Pratini de Moraes se destacou muito mais.

Há ainda o fato de que quando convidou Pratini para fazer parte de sua equipe, Fernando Henrique o queria para o Desenvolvimento. Mas o PSDB, que sempre se julgou o dono da pasta — criada para abrigar o ex-ministro das Comunicações Mendonça de Barros, que não o ocupou por causa do escândalo do grampo no leilão das empresas de telefonia — impediu que a pasta fosse dada ao PPB.

O ministério então foi para Celso Lafer (sem partido) e a Clóvis Carvalho, tucano. O convite do ministro Pedro Malan a Tápias, um executivo bem sucedido, acostumado a dar ordens e a ser obedecido, foi uma forma de dizer ao PSDB que o ministério continuava em suas mãos.

A política, porém, é diferente de uma administração empresarial. Exige volteios e um certo teatro. Nos bastidores, Tápias se queixa das resistências políticas que tem encontrado pela frente, o que o aborrece.

Indo o Desenvolvimento para o PPB de Pratini de Moraes, o da Agricultura seria entregue aos tucanos.

Quanto a Antonio Carlos, o presidente não acredita que ele pretenda ir para a oposição. Até porque corre o risco de continuar perdendo aliados. O PSDB da Bahia investe pesado no senador Paulo Souto (PFL), aliado de Antonio Carlos que tem dado sinais de que pode se rebelar. Devagar, Fernando Henrique tira poderes daquele que muito o ajudou ao longo do mandato, mas também muito o constrangeu. Inocêncio Oliveira, o líder do PFL candidato avulso à presidência da Câmara, que se rebelou, ajudou a oposição a derrotar o governo na votação de uma medida provisória e disse que gostaria de ser recebido pelo PT ao som da "Internacional Socialista", deverá perder tudo o que tem no governo, inclusive as indicações para o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e para a Fundação Nacional da Saúde. Inocêncio já foi considerado um problema a ser resolvido pelo próprio FHC; não o é mais. No Planalto, o líder do PFL é tido como um problema para Marco Maciel, por causa das questões pernambucanas. Sua atitude oposicionista, raciocinam auxiliares do presidente, extrapolaram todos os limites.

Colaborou Odail Figueiredo